

Principe e princeza real da ilha de Madagascar. — Gravura de Coelho.

Madagascar é uma das maiores ilhas do mundo, inda mais interessante pela variedade d'objectos curiosos que encerra, que pela sua extensão e importancia, que não tem, como podia ter nas mãos d'uma nação activa. Já no seculo XIII Marco-Paulo alludiu a ella.

Foi o portuguez Ruy Pereira Coutinho que modernamente, em 1506, a descobriu pela parte de dentro (occidental), e poz o nome de *Bahia formosa*, á bahia em que primeiro entrou. Dando parte do descobrimento a Tristão da Cunha, partiu este a reconhecer a terra. Tocou em varios pontos da costa occidental, e chegando ao cabo da ilha em dia de *Natal*, lhe deu esse nome. A náo de João Gomes d'Abreu dobrou este cabo, e correndo pela costa oriental foi dar na bocca d'um rio, na provincia de Matatana, onde desembarcou, e sendo necessario apartar-se a náo, ficaram alguns portuguezes em terra.[1] Ao mesmo tempo que as náos do commando de Tristão da Cunha descobriam Madagascar pela banda occidental, outras náos que vinham em frota para o reino, capitão Fernão Soares, a descobriam pela parte oriental, avistando-a no 1.º de fevereiro. Correram á vista d'ella dezesete dias, e, tendo feito aguada e lenha, a passaram a 18 do mesmo mez. A esta ilha deram o nome de *S. Lourenço*, por ser achada a 10 d'agosto pelos descobridores da parte occidental. A 6 de fevereiro 1507 já Affonso d'Albuquerque, que escrevia a el-rei D. Manoel, de Moçambique lhe fallava do descobrimento da ilha de *S. Lourenço*. [1]

Os francezes no reinado de Henrique IV lhe chamavam ilha Delphina.

Madagascar tem 1.400 kilometros de comprido, e de 340 a 480 de largo. Uma cordilheira de montanhas no centro d'ella segue em todo o seu comprimento, elevando-se gradualmente, e formando no

[1] Castanheda, l. 2.º c. 30 e 31.

[1] Torre do Tombo, *Corpo chronologico*, P. 1, m. 6. n.º 8.

alto vastas planicies onde medram plantas dos paizes temperados, a vinha e a amoreira. Descendo d'ahi, antes de chegar ás planicies do litoral, encontram-se vastas florestas virgens, pouco trilhadas pelo homem. Na extremidade septentrional da ilha, diz-se que ha volcões em actividade, mas esta parte não foi ainda examinada por menor. Numerosas ribeiras regam a ilha, mas todas ou quasi todas tem obstrucções no seu curso, bancos, cataduppas, etc. Os grandes rios que correm para leste tem as embocaduras obstruidas por despojos d'arvores e vegetaes, e por montões de limos e arêas. O refluxo do mar concorre a formar alli ilhotas, que fecham as barras e fazem refluir as aguas sobre as terras baixas, formando assim lagos parallelos ao mar, n'uma consideravel extensão da costa, do que resulta a sua grande insalubridade. N'outras partes o paiz é mui salubre: ahi tem os seus melhores portos, entre os quaes se deve apontar o de *Soares*, que póde abrigar todas as esquadras do mundo.

A posição de Madagascar, á entrada do oceano Indico, fronteira á costa sueste d'Africa; sua fertilidade, sua elevação progressiva, e variada exposição de terreno; as differentes modificações do ar, que n'uma zona de 14 gráos do norte ao sul permitte a cultura de todos os vegetaes das zonas quentes e temperadas; tudo, n'uma palavra, faz d'esta grande ilha um dos mais importantes pontos do globo, debaixo do ponto de vista colonial e commercial.

Semeada de cristal rocha, de que se acham pedaços da maior belleza com tres e mesmo seis metros de circunferencia, as arêas da ilha, que não são senão residuos d'este quartzo, dariam um vidro branquissimo. Tem granadas mui bellas, agathas pretas, e muitas outras pedras preciosas de meã qualidade. As montanhas contém estanho, chumbo, e principalmente ferro, cujas minas os naturaes exploram. Parece que tambem alli ha cobre, ouro preto, e outros metaes. Na parte occidental ha bancos de sal gemma, e fontes thermaes.

Todo o litoral é rico em bosques. A ravenala cresce nos pantanos, e ao longo dos regatos. No tronco parece-se com a palmeira, nas folhas, dispostas em fórma de leque, com a bananeira. D'ellas fazem os naturaes esteiras, toalhas, pratos, colheres, etc. Ferindo-as na origem dos ramos, tiram d'ellas agua boa para beber. Fazem oleo com as pelliculas que cobrem as sementes, e caldo com a farinha d'estas. A madeira empregam-na na construcção das casas.

Nos campos e florestas encontram-se muitas arvores e arbustos, cujos productos são uteis ás artes ou á vida. Umas dão rezinas, outras substancias alimenticias e peitoraes; com folhas d'umas se fazem estofos de estimação, outras produzem aromas, oleos, essencias. Tem gengibre, pimenta, açafrão das Indias, tabaco mui estimado, arroz, de que ainda ha poucos annos exportava annualmente mais de oito milhões de libras, inhames de muitas qualidades; e além d'isso algumas madeiras preciosas, taes como o ebano preto, branco, verde, e mosqueado. A canna d'assucar vem alli naturalmente.

Como em todas as ilhas, o reino animal em Madagascar é menos variado. Não tem nem leões nem elephantes, mas tem o antamba, especie de leopardo, e o farassa, parecido com o chacal. Os bois são todos corcovados, e alguns ha que pezam sete e outo mil libras. Muitos carecem absolutamente de cornos, outros só os tem adherentes á pelle, moveis e pendentes. O commercio d'elles é consideravel em toda a ilha. Vohémar, Foulepointe e Tamatave exportam annualmente mais de doze mil bois vivos para a ilha Mauricia, e ao menos tres ou quatro mil para Bourbon, e para as Seychelles. Tem outros animaes proveitosos, e aguas piscosas, mas alguns dos seus peixes são venenosos. Crocodillos enormes infestam os rios principalmente nas embocaduras. As praias são abundantes em crustaceos e mariscos. As baleias, d'uma especie particular ao oceano Indico, que se encontra até á costa do Brazil, frequentam estas paragens principalmente na estação das chuvas, isto é, durante mais de quatro mezes.

A população de Madagascar, segundo uns, não passa de dois milhões; segundo outros, chega a cinco milhões. Denota tres raças principaes, ao que parece, produzidas pelas mesclas de emigrações da Cafraria, do Zanguebar, e do Malabar, distribuidas sobre a superficie da ilha em tres grandes divisões geographicas; a saber, os *Hovas* ou *Ambuélamb's* nos altosplainos na cadêa central, os *Sakalaves* na parte occidental, e os *Malegaches* (habitantes de Madagascar) propriamente ditos, na parte oriental.

Os malegaches, que parecem indigenas, entram muito pelo interior. São de côr cobreada. A côr clara dos paizes do sul vae ennegrecendo á medida que se caminha para o norte. Cabellos um pouco crespos.

O hova, pelo contrario, tem cabello corrediço, feições regulares, e côr de um amarello-azeitona. Pertence evidentemente a raça differente e superior, e alli mesmo o consideram estrangeiro.

Os sakalaves tem a pelle negra e os cabellos crespos. É uma variedade produzida pela mistura dos indigenas com os da costa d'Africa.

Na bahia de Vohémar fazem os europeus grande commercio. Em frente da ilha de Santa Maria, que pertence aos francezes, está Tintinque, porto mui seguro, que era residencia de um principe protegido pela França.

A provincia Ankova, situada quasi no centro da ilha, é a parte mais elevada d'ella. Passa por ser mui salubre, mui povoada, bem cultivada, e regada por cinco correntes d'agua, que se reunem para formar o rio Ikupa. Tem poucos bosques, mas muito gado. É patria dos hovas, que hoje dominam Madagascar. A sua capital, que tambem se considera capital da ilha, chama-se Tananarivo, nome que quer dizer *mil aldêas*. De longe parece um labyrintho, cercado de fossos e palliçadas. Defendem-n'a reductos construidos segundo a arte, e guarnecidos de canhões fundidos em Inglaterra. Tem vinte mil habitantes, e mais de tres mil casas, a mór parte construidas de junco e cobertas de colmo. As da nobreza são de madeira, bem construidas e espaçosas. O palacio que habitava o rei Radama está situado no centro da cidade sobre a mais alta plata-fórma da montanha, e cercado de tranqueiras e de fossos. É construido simílhantemente ás casas da nobreza, mas muito maior, com o interior decorado á europea, e o exterior pintado com toda a casta de côres, e ornado de desenhos feitos, ou com circulos de prata, ou com patacas hespanholas. Radama, por meio de um architecto francez, começou a construir outro palacio, que a viuva concluiu, chamado Suane-Ranu. É de pedra, e contém quarenta e cinco moradas completas, com uma sala de throno de sessenta pés quadrados. Com a sua construcção na raiz da montanha de Tananarivo, e n'uma mui vasta planicie, procurava o rei lançar fundamentos a uma nova capital, e para isso offereceu tambem premio aos que quizessem residir n'ella. Em 1826, grandes personagens da sua corte começaram a levantar alli grandes estabelecimentos. Agora é residencia habitual dos principaes da nação.

No tempo de Radama, chefe de grande genio, que protegido pelos inglezes quasi fizera um só reino de todos os pequenos estados em que a ilha estava dividida, a cidade Tananarivo contava muitos institutos conducentes a fazer triumphar a civilisação europea. Havia um collegio fundado pelos missionarios

inglezes, d'onde tinham saido já muitos mestres a derramar a instrucção pelo reino; havia muitas escholas d'ambos os sexos, e uma imprensa para a propagação da Biblia na lingua madagasta. Com a morte de Radama em 1829, e a revolução palaciana, que poz no throno uma de suas mulheres, Ranavalo, pareceu começar a dissolução d'aquelle nascente imperio. Foram expulsos os estrangeiros, e com a saida dos inglezes todos esses estabelecimentos desappareceram.

A lingua de Madagascar tem palavras arabes, outras que se aproximam dos idiomas dos cafres, mas suas principaes raizes estão no malaio, ou nos dialetos derivados d'esta lingua, que se fallam em Java, Timor, Filippinas, Mariannas, e em todos os archipelagos da Oceania boreal e austral.

De todas as raças que estão dispersas pela superficie da ilha, a dos hovas é a unica que se aproxima de nós pelos seus conhecimentos nas artes. Praticam a mineração do ferro e do chumbo, trabalham bem os metaes, e contrafazem com facilidade a mór parte dos objectos estrangeiros. A agricultura está entre elles pouco adiantada: com pouco trabalho lhes dá a terra arroz, mandioca e batatas, seu principal alimento. O seu trage é simples; homens e mulheres envolvem-se n'um panno que deitam sobre as costas como uma capa. Uma outra pessa enrolada lhes serve de cinto. São mui bellicosos, crueis, e traiçoeiros; e tem superstições atrozes para julgamento dos criminosos.

A despeito das permanentes hostilidades dos hovas contra os francezes, estes tem feito recentemente estabelecimentos de cultura em Madagascar por consentimento da rainha que foi associada aos lucros. Os mais consideraveis são os de Yvondru, a oito milhas de Tamatave, que deu n'um dos ultimos annos 600:000 kilog. de assucar, e 1.200 barricas de rhum; o de Menvuru, que dá 500:000 kilog. d'assucar, e 400 bois; e o de Mahela, que dá 1:500.000 kilog. de arroz, etc. [1]

Ao mesmo tempo os inglezes, ou com iniciativa particular, ou com a indirecta dos governos, não tem cançado em procurar introduzir o seu espirito e influencia na corte de Madagascar. As visitas de commerciantes e missionarios multiplicam-se. Póde, para nos convencermos d'isso, ver-se o curioso livro que já este anno publicou em Londres o padre William Ellis, e que tem por titulo *Three visits to Madagascar during the years* 1853, 1854, 1856. Na sua ultima visita em que penetrou até á capital, onde teve audiencia da rainha, e muitas relações com toda a corte, com os principes e grandes officiaes, bem claramente descobre a idéa benefica que predominava nas suas conversações, o alcance dos conselhos e informações que dava ás perguntas que todos lhe faziam, principalmente o principe real, de quem hoje damos o retrato, mais o da princeza, tirados da photographia que d'elles fez o mesmo viajante, e cujo processo foi para toda aquella corte objecto de grande surpreza e alegria.

Segundo as inclinações do animo do principe, havia bom fundamento para esperar em tempo não remoto melhoramentos no governo interior, e concessões á civilisação europea e aos seus agentes.

---

## REINADO DE D. PEDRO II.

(Fragmento).

### PORTUGAL EM 1690.

(Conclusão).

Homem de espirito, e cheio de fogo, o conde da Ericeira amava as lettras, e sobretudo a poesia, de que fazia uma das suas principaes recreações. Entretanto era pouco judicioso, e entregava-se facilmente a quanto lhe propunham, ou elle proprio imaginava. Nos ultimos quinze annos consumira nos seus projectos sommas consideraveis, não só do fundo da marinha, mas tambem do da junta do commercio, e fizera diversos contratos, já para o estabelecimento de novas e longinquas colonias, d'onde esperava recolher grandes thesouros, já para introduzir no reino diversas manufacturas. Ainda que taes emprezas provassem mal, não deixava de emprehender outras novas, porque achava o espirito do rei sempre disposto a approval-as.

O dinheiro era rarissimo no reino, porque os estrangeiros, principalmente os inglezes, o tiravam continuamente. O commercio estava abatido de todo. Desde que os mais ricos negociantes do paiz, suspeitos de judaismo, se tinham retirado com toda a fortuna que poderam levar, a maior parte dos que ficaram em Portugal eram de pouca importancia.

O assucar e o tabaco quasi não tinham saida na Europa. Inda que lhes haviam diminuido o preço, outras nações, particularmente a ingleza, mettiam grande quantidade na Italia, sempre por menor custo. Mercadorias estrangeiras não achavam mercado em Portugal, principalmente depois da pragmatica, que lhe prohibia a entrada da maior parte. Só eram admittidas baetas, que os inglezes forneciam, sarjas, e meias de lã, cujo consumo orçava por mais de meio milhão de cruzados. Quasi todos os retornos se faziam em dinheiro.

A moeda do reino estava cerceada. Por muito tempo se não pensára em remediar este abuso. Quando se cuidou em acudir-lhe, depois de levarem dois annos a deliberar, assentaram em recunhar em novas moedas todo o ouro e toda a prata, supportando o thesouro a perda. Começando pelas patacas, só n'ellas quasi se tinha perdido um milhão de cruzados. Parte do rendimento do tabaco estava empenhado ao pagamento d'este milhão, e da despeza que se fizera com o segundo casamento real.

Como as patacas não corriam então, se não tinham o peso, cessára a sua importação de Hespanha, o que equivalia á perda de perto de cinco milhões de cruzados, que era quanto d'ellas entrava no reino todos os annos.

Pretendeu-se mandar que todo o dinheiro portuguez cerceado fosse entregue na casa da moeda. Valendo apenas metade do seu justo valor, e não tendo a fazenda meios para supportar a perda, temia-se que ella cairia sobre os particulares, a quem o dinheiro pertencesse.

O estado das conquistas era ainda mais miseravel, ou fosse pelo luxo que as tinha invadido e arruinado, ou pela pouca saida dos seus productos, ou pela vexação dos governadores. O alcance em que estavam era grande. Mal sabiam como pagar as mercadorias que tinham tomado, não pondo já a mesma diligencia d'outr'ora nas fabricas de assucar e tabaco.

De Portugal ia todos os annos a Goa um grande navio, armado a expensas da fazenda, e carregado pelos particulares, que pagavam o frete. As remessas consistiam quasi exclusivamente em patacas de peso, em que se lucravam sessenta por cento. O vinho, o coral, os pannos escarlates, e outros objectos miudos que de lá vinham, eram pouco consideraveis, e do navio não se recolhia metade da despeza, perdendo-se muitas vezes os navios, além de que a mór parte da gente que n'elles embarcava não voltava. Os proprios particulares, experimentando muitas perdas nos retornos, não lucravam n'este commercio.

Como todos os ministros que o rei tinha junto a si eram pessoas fracas e timidas, arredavam do pé do monarcha todos aquelles que lhe podiam inspirar

[1] *Revue contemporaine*, janvier 1856.

sentimentos ousados, e procuravam sempre persuadir-lhe, que neutralidade em todos os negocios da Europa, era o melhor partido que podia tomar para gozar de paz. D'aqui nascia o seu descuido (feliz) pelas cousas do exercito, e a muita aversão que tinha a quanto cheirava a guerra.

A distribuição das graças, a escolha de ministros para a presidencia dos tribunaes e governo das provincias, e praças das conquistas, que se deviam renovar todos os tres annos, faziam muitos descontentes entre a nobreza. Fallavam d'isto com pouco resguardo, desprezavam os que o ministerio d'este tempo empregava, mas nem por isso desejavam a dominação hespanhola, e muito menos a franceza.

A rainha era uma piedosa princeza de animo fraco, que se não preoccupava de cousa alguma; mas nunca atinára com o segredo de se fazer amar das damas portuguezas, que a viam o menos que era possivel.

A infanta era de um bellissimo talhe. Espirito penetrante, qualidades distinctas, todo o mundo a amava. Entretanto, duvidava-se que o rei quizesse casal-a, ou fosse por se não ver forçado a restituir a sua parte da herança da defuncta rainha, ou porque todo o genro lhe mettesse medo. Quando fosse obrigado a isso, suppunha-se que a qualquer outro preferiria um irmão da rainha. Em quanto porém lhe fosse livre proceder como lhe aprouvesse em tal negocio, ouviria tudo e não concluiria nada. Fingira approvar muito a proposta do principe de Toscana: ao ver os cuidados que ella lhe dava, dir-se-hia que o casamento ia effectuar-se immediatamente. As difficuldades que appareceram depois mostraram bem que aquillo não passára de divertimento. Devia esperar-se que em tal caso procederia sempre assim.

A proposta dos embaixadores de França no tocante á infanta, não fôra escutada. Amando muito a liberdade e o socego, temiam que um principe francez, apoiado pelo rei de França, se não fizesse mui soberano, e não obrigasse Portugal a maior movimento, fazendo-o tomar parte, contra vontade, nas contendas da Europa. Era a opinião commum dos conselheiros d'estado.

Se depois da morte da rainha, o casamento da duqueza de Saboia se não houvera concluido tão depressa, os votos de Portugal ter-se-hiam talvez fixado n'ella. Lisonjeára-se a vaidade d'aquelles tempos em ter Portugal uma rainha irmã da rainha de Hespanha. Fóra d'isto entendiam que para D. Pedro II não podia haver outro partido em França. D'ahi o voltarem-se para a casa de Neubourgo, crendo que ser cunhado do imperador era o melhor titulo honorifico que o rei de Portugal podia ter.

Era um preconceito inutil; Portugal não tinha nem commercio nem relações de interesse com a Allemanha.

A França doera-se d'esta preferencia. Aconselhava que nos precavessemos contra os hespanhoes; mas o máo governo de Hespanha, e a opinião que formavamos da sua proxima ruina, nos fazia confiados, e imaginavamos que nada tinhamos a temer d'ella. Exercito e fortalezas andavam ao desamparo.

Para adoçar esse resentimento, D. Pedro II, e a mór parte dos seus ministros, publicavam bem alto as obrigações em que estavam á França, e o interesse que tinham em conservar com ella amizade e estreita correspondencia. Isto, porém, não passava de palavras, como se experimentava desde vinte annos. A França continuava a mostrar-se attenciosa comnosco, e a resentir-se pouco do pouco cuidado que punhamos em ser-lhe agradavel. Pouco resultado tinham tido as suas pequenas queixas n'algumas occasiões: ficavam sem satisfação; mas ella continuava a Portugal a honra das suas embaixadas. Talvez por isto é que não se persuadiam que ella tomasse jámais a resolução de romper comnosco, ou de nos abandonar, d'onde nascia que os embaixadores francezes se queixavam de ter n'esta corte pouca consideração, e de que os francezes estabelecidos em Portugal fossem extremamente desprezados, e se lhes não fizesse mesmo a menor justiça; dizendo que não succedia outro tanto aos inglezes, que, por serem mais altivos, eram mais temidos, o que nos fazia ser mais cautelosos com o que lhes tocava. Com não menor sobranceria nos tratavam os estados de Hollanda.

Cheios de vaidade, inchados com a idéa de nobreza, ensoberbecidos com os gloriosos resultados das nossas primeiras guerras, extremamente sensiveis em pontos de honra, e visionarios até nos antepormos a todas as demais nações, quanto mais nos viamos adulados, mais nos convenciamos do nosso merito.

Entretanto, a situação do governo e da nação, n'aquella epocha, era dependente e triste.

JOSÉ DE TORRES.

---

## GABRIEL SOARES, E FERNÃO CARDIM.

As obras de Gabriel Soares e de Fernão Cardim, não só se devem considerar como producções litterarias de primeira ordem no seculo XVI, mas tambem, principalmente com relação á historia do Brazil, como verdadeiros monumentos historicos, que nos ministram toda a luz para avaliarmos o estado da colonisação do nosso paiz na epocha em que escreveram.

Como producção litteraria, a obra de Soares é seguramente o escripto mais original, mais producto do proprio exame, observação e pensar, e até diremos mais encyclopedico da litteratura portugueza n'esse periodo. Nos assumptos de que trata, apenas fôra precedido uns dez annos pela obra [1] do grammatico Pero de Magalhães de Gandavo, auctor que, mais que por esta sua obra sobre o Brazil, nos merece attenção, por haver sido amigo de Camões, e por haver, por assim dizer, posto em contacto com o nosso paiz o grande poeta, quando escreveu em verso a epistola offerecendo a D. Leoniz Pereira, antigo governador de Malaca,

« A breve historia sua que illustrasse
A terra Santa Cruz pouco sabida. » [2]

Nos Lusiadas apenas Camões se lembrou do Brazil, escrevendo uma vez este nome e outra o de *Santa Cruz*; [3], nunca o de America, se nos não enganâmos.

Seja embora rude, primitivo e pouco castigado o estilo de Soares, confessâmos que ainda hoje nos encanta o seu modo de dizer; e ao comparar as descripções com a realidade, quasi nos abysmâmos ante a profunda observação que não cançava, nem se distrahia variando de assumpto.

Como coreographo, o mesmo é seguir o roteiro de Soares, que o de Pimentel ou de Roussin; em topographia ninguem melhor do que elle se occupou da Bahia; como philologo, faltam-lhe naturalmente os principios da sciencia botanica; mas Dioscorides ou Plinio não explicam melhor as plantas do velho mundo, que Soares as do novo, que desejava fazer conhecidas. A obra contemporanea que o jesuita José de Acosta publicou em Sevilla em 1590, com o titulo de *Historia Natural e Moral das Indias*, e que tanta

[1] «Historia da provincia Sãcta Cruz, a que vulgarmẽte chamâmos Brazil, feita por Pero de Magalhães de Gandavo», etc. Anno 1576.

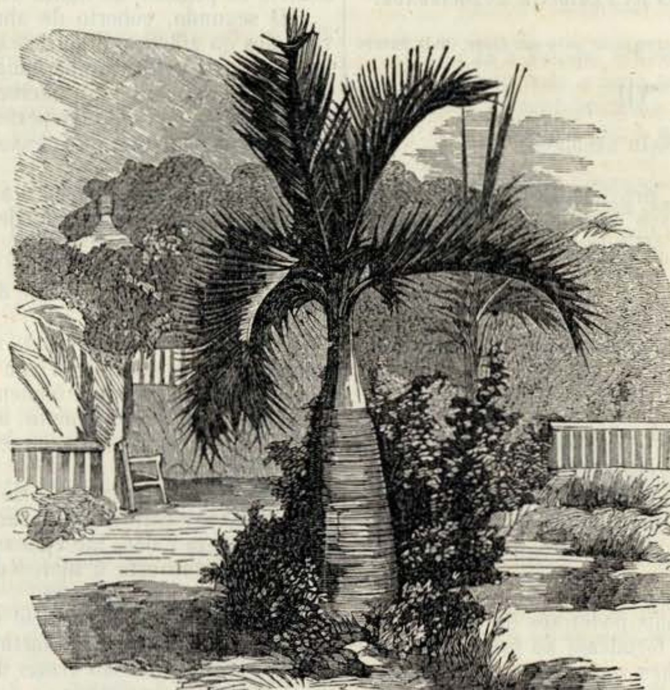
[2] Camões. Ded. da obra de Gandavo.

[3] « De Santa Cruz o nome lhe poreis. » Camões X, 140. Veja tambem Ib. II, 45; V, 4; VII, 14; X, 63 e 139.

celebridade chegou a adquirir, bem que pela fórma e assumptos se possa comparar á de Soares, é-lhe muito inferior quanto á originalidade e copia de doutrina. O mesmo dizemos das de Francisco Lopez de Gomara e de Gonçalo Fernandez de Oviedo. O grande Azara, com o talento natural que todos lhe reconhecem, não tratou instinctivamente, no fim do seculo passado, da zoologia austro-americana melhor que o seu predecessor portuguez; e n'uma ethnographia geral dos povos barbaros, nenhumas paginas poderão ter mais cabida pelo que respeita ao Brazil, que as que nos legou o senhor de engenho das margens do Jequiriçá. Causa pasmo como a attenção de um só homem pôde occupar-se em tantas cousas «que juntas se vêem raramente,» — como as que se contém na sua obra, que trata a um tempo, em relação ao Brazil, de geographia, de historia, de topographia, de hydrographia, de agricultura entretropica, de horticultura brazileira, de materia medica indigena, das madeiras de construcção e de marcenaria, da zoologia em todos os seus ramos, de economia administrativa, e até de mineralogia! [1]

A obra de Fernão Cardim, que só viu a luz em 1847 com o titulo posto pelo editor de *Narrativa epistolar*, por constar verdadeiramente de duas cartas que dirigiu ao provincial da companhia em Portugal, é seguramente mais insignificante e destituida de merito scientifico que a precedente; entretanto recommenda-se pelo estilo natural e fluente, e pela verdade da pintura feita com os objectos á vista, e as impressões, ainda de fresco, recebidas dos encantos virgens que regalavam os olhos de quem acabava de deixar a Europa nos fins do inverno. — Cardim veiu a prestar á companhia (da qual foi pouco depois eleito provincial no Brazil, cargo que exerceu ainda muitos annos do seculo seguinte) [2] serviços importantes, no numero dos quaes devemos incluir o haver a ella attrahido tão valente campeão, como veiu a ser o padre Antonio Vieira.

VARNHAGEN — *Historia geral do Brazil.*



Palmeira africana.

Foi da Arabia que a cultura da palmeira se propagou pelos paizes quentes das outras partes do mundo; mas só nos desvios da Asia e da Africa, esta planta recebe dos povos, de quem é o unico recurso, os desvelos que requer para produzir bom fructo.

Multiplica-se, ou pela semente, ou pelos pimpolhos ou rebentos. Só se devem cultivar as arvores femeas, que produzem fructo, e basta para as fecundar dispor nos palmares, de espaço a espaço, alguns machos. Tambem se fecundam artificialmente.

As palmeiras são utilissimas e providenciaes para a humanidade nos climas quentes. Dão fructos, que antes de se pôrem a seccar, se espremem para lhes extrahir um succo, como melaço, que serve de manteiga. As tamaras fermentadas dão bebida agradavel, de que ao depois se faz vinagre, ou se distilla para aguardente mui estimada. Alguns amagos tenros, gomos e olhos das folhas novas, antes de desenvolvidos, são bons para comer cozidos, assim como os cachos e flores antes de rebentarem. Por meio de incisões vertem um liquido assucarado e lacteo, que serve de bebida a doentes, e se chama leite de palmeira. Os troncos e folhas, que duram prodigiosamente, e com difficuldade se arruinam, servem para construcção de habitações. Com as folhas, demolha-

[1] A primeira edição começou-se na typographia do Arco do Cego, in fol.; mas não se concluiu, nem se expoz ao publico: realisou-se a publicação pela primeira vez nas Memorias da Academia de Lisboa em 1825, no tom. III das do Ultramar. Porém a edição mais correcta é a do Rio de Janeiro em 1851, com os commentarios que lhe juntou o A. da presente historia, quando primeiro secretario do Instituto. Soares já estava na Europa em 1584 (Carta de Christ. de Barros de 10 d'agosto 1584).

[2] Cardim vivia ainda na Bahia no primeiro de outubro de 1618, como consta de uma carta sua autographa existente na Bib. da Acad. da Historia em Madrid, da qual copiámos o fac-simile de sua assignatura.

das, se fabricam esteiras, cestos, e outros muitos objectos de uso caseiro. Dos cachos despidos das flores fazem vassouras. Os caroços dos fructos, apesar de serem mui duros, moidos e cozidos em agua a ferver, são bom alimento para os camelos e ovelhas dos arabes. Diz-se até que reduzidos a carvão e a pó são optimos para limpar os dentes.

A especie rara e graciosa, que a estampa representa, é africana. A folha parece-se com a do cocoanut. As palmas partem da coroa da planta, como no palmiste, e os anneis que enleiam o tronco cylindrico fazem lembrar a areca.

A palma, desde os mais remotos tempos, é symbolo da victoria. Os antigos a escolheram tambem para emblema do amor conjugal, da saude, da fecundidade, da conservação dos imperios.

---

## A MULHER

### NAS DIVERSAS RELAÇÕES DA FAMILIA E DA SOCIEDADE.

(Paginas vertidas dos *Apontamentos para um Livro*, de D. Severo Catalina).

### VII.

### A PROFISSÃO RELIGIOSA.

Haverá cinco annos, proximamente, que uma joven mui notavel pelo seu merito e pela sua condição social, concebeu o pensamento de sepultar n'um claustro a sua belleza e os seus encantos.

Aquella joven consultou com diversas pessoas o seu projecto. Um dos seus amigos mais leaes dirigiu-lhe com tal motivo a carta que transcrevemos.

I.

« Ha no mundo uma classe de heroes que passa para o mundo quasi desapercebida.

« Não são heroes que aprisionam exercitos e destroem cidades; nem vestem a cota ferrea, nem empunham de continuo os barbaros instrumentos de matar.

« Estes heroes não pelejam no campo; mas pelejam contra inimigos mais poderosos do que os exercitos aguerridos e as fortalezas ao parecer inexpugnaveis. O sol não lhes requeima as faces; porém murcham-lh'as a abstinencia e a mortificação. Uma touca branca e uma veste comprida estabelecem o seu adorno marcial; as suas armas são a rogativa; a sua coroa de victoria é a coroa immarcessivel da immortalidade.

« Estes heroes de pallida fronte e de tranquillo olhar vivem em clausura, longe da multidão, como se acolhem as pombas no vasio das rocas, aonde não alcançam os furores da tempestade, nem o choque horrivel das ondas que se engrimpam.

« As paixões mundanas são tambem vagas gigantes que se elevam no mar da vida, e se despedaçam contra os muros de um convento.

« O umbral d'aquella porta póde considerar-se como a linha divisoria da carne e do espirito; como a fronteira do mundo material.

« Um passo mais áquem reinam os sentidos; um passo mais além reina a virtude; d'este lado, os prazeres e o bulicio; d'aquelle, a penitencia e a soledade.

« Dar esse passo é empreza mais difficil do que as conquistas dos guerreiros e as victorias dos heroes da terra.

« Dar esse passo é despedir-se das esperanças do mundo, para se extasiar de gozo na esperança do ceo.

« Ao contemplar esse passo, que encerra todo um poema de valor, de magnanimidade e de ternura, podêmos dizer com um insigne poeta e prezadissimo amigo nosso:

« Ojos que te ven entrar
Nunca te verán salir. »

« Sabes, minha amiga, o que significa esse *nunca?*

« Esse *nunca* diz que, ao cerrar-se após de ti a porta d'onde queres chamar, deixas da parte de fóra o mundo e os seus attractivos.

« Esse *nunca* é o epitaphio dos teus sonhos de terrena felicidade, das tuas douradas illusões de hontem.

« Esse *nunca* é a renuncia que fazes do teu coração de mulher para o substituir pelo coração de um anjo.

« Esse *nunca* é a epopéa da tua vida.

« A esse *nunca* se váe ordinariamente por dois caminhos oppostos. Ou por ter o coração tamanho, que não baste para satisfazel-o o amor de um homem, ou pelo ter tão pequeno, que o desconcerte e anniquile a mais leve contrariedade de amor.

« O primeiro caminho, semeado de flores, indica todavia as pégadas de Santa Theresa.

« O segundo, coberto de abrolhos, apresenta os vestigios da afflicção e da desesperança.

« Sabes de certo, minha amiga, qual d'esses dois caminhos é o que hoje se offerece ante os teus olhos?

« Conheces o mundo tão perfeitamente, que possas comparar a pequenez que deixas com a grandeza a que aspiras?

« Conheces o teu coração e a tua cabeça tão perfeitamente, que possas responder ámanhã pelos teus propositos de hoje?

« Conheces bem a magestade do esposo que acceitas, para calcular a gravidade da offensa, se um dia o chegasses a offender?

« Tu, que es boa e avisada, não comprehendes o tremendo da infidelidade n'esse santo consorcio?

« Tu, que unida a um homem, serías escrava do teu dever e do teu juramento, medita a extensão do dever e dos juramentos com que pretendes agrilhoar o teu coração?

« Não se trata unicamente do sacrificio da tua belleza, que, por estremada, é sacrificio de consideração. A belleza é dom tão ephemero, e attractivo tão passageiro, que está á mercê de uma enfermidade imprudente ou inopportuna.

« Não se trata do sacrificio da tua nobreza e da tua posição. A nobreza e a fortuna são o recurso das mulheres vulgares; são armas de que jámais devem usar o talento e a virtude.

« Trata-se do sacrificio dos teus affectos mais intimos, das tuas recordações mais doces, das tuas mais lisongeiras esperanças.

« Medita, pois, na magnitude e transcendencia d'esse sacrificio heroico. Calcula as tuas forças, e não te exponhas a um risco ainda mais grave do que todos os riscos de que pretendes fugir.

« Seja a teus olhos o claustro alcaçar santo de mais subido preço e sumptuosidade, que todos os palacios de ouro e de saphira.

« O hortosinho recondito, rico de aromas e de melancolica poesia, esmaltado de flores virginaes, dividido ao meio pelo arroyo que o fecunda, seja para ti a morada mais tranquilla e deleitavel de quantos magnificos jardins, obras de arte, onde a atmosphera embriaga, onde apenas cresce uma flor que não esconde entre as suas pétalas espinhos mui pungentes.

« Se em noite serena e clara a lua vier confundir os seus pallidos reflexos com os reflexos da tua fronte pura, que não traga ao teu coração lembranças do mundo que, talvez prematuramente, abandonaste.

« Se benigno zephyro folgar uma tarde em tua

janella, que não venha repetir-te ao ouvido algum nome mysterioso, que perturbe a tranquillidade deleitavel do teu espirito.

« O muro de ferro que ha de separar-te do mundo, só póde destruil-o a mão de Deus.

« Feliz de ti, se acertas penetrar com pé intrepido no sagrado alcaçar da castidade, da pobreza e da oração.

« Feliz, se, humilde e resignada no fundo d'alma, trocas pelo borel as tuas galas de hoje, e dando um adeus ao mundo dos sentidos, vôas ao do mais puro idealismo, aonde te espera o noviciado da gloria, da ineffavel realidade do bem.

« Feliz, se com frio olhar podes contemplar a cada instante as florinhas que cobrem a que ha de ser tua sepultura, e o alto cypreste que te servirá ámanhã de sentinella sombria.

« Porém, desgraçada de ti, se um dia te parecem demasiadamente solidos os ferros do teu locutorio. »

.................................................................

.................................................................

II.

Assim era a carta.

Ignorâmos se a joven, a quem se dirigiu, é hoje no claustro *madre exemplar*, ou se é no mundo excellente *mãe de familia*.

A averiguação historica não faz ao caso.

Concluiremos com uma observação, que não é sómente historica.

Os *espiritos fortes* do nosso seculo zombam ou condoem-se das que chamam pobres almas, victimas da preoccupação, da ignorancia ou do fanatismo.

Esses *espiritos fortes* são as creaturas mais ridiculas de quantas existem na terra.

Um convento é para elles uma casa sombria, onde se albergam entes desgraçados; entes que não podem entender de amor.

Triste cegueira!

Um convento póde ser a arca mysteriosa que fluctua na torrente das paixões, e preserva da geral inundação o germen santo da virtude.

N'essa casa sombria habitam entes venturosos, que comprehendem em toda a sua pureza a dita do amor.

Entre este amor e o dos chamados *espiritos fortes* ha de permeio um abysmo.

Em quanto o mundo se agita em confuso torvamento, em quanto as sociedades se abalam pelo furacão da impiedade e do scepticismo, umas pobres mulheres se amiseram do mundo, e oram por elle; pedem misericordia para os impios, e luz para os scepticos.

E a oração d'aquellas almas virginaes eleva-se nos espaços, e penetra nas regiões da harmonia suprema.

São os anjos tutelares da humanidade. Por isso a humanidade as admira, as respeita, e as bemdiz.

*(Continúa).*

BRITO ARANHA.

---

## RAINHA E MULHER. [1]

Em ricos coxins, no chão
Elisabeth deitada,
O rosto encostado á mão,
Vista no solo pregada:

Oito dias tem passado
Sem mudar de posição;
O rosto á mão encostado,
Os olhos fitos no chão.

Em torno silencio tudo!
A corte se vê pasmada,
Olhando em respeito mudo
Aquella alteza prostrada.

— « E a tua formosura,
Altiva e nobre Isabel?....
Cobre-te o véo da tristura,
Punge-te espinho cruel!

« Oh! quando moça gentil
No teu ginete montada,
Cavalleiros mais de mil
Em luzida cavalgada;

« Soberba o mundo te viu
Bulas de Roma rasgar,
E tamanho poderio
Valorosa desprezar;

« Já a Filippe vaidoso
Destruindo a forte armada,
Já escocez bellicoso
Reduzindo a pó, a nada;

« Quizeste n'isso mostrar
Ser de Henrique clara filha;
Dominando em seu solar
Qual estrella no ceo brilha.

« Tremiam, se então mostravas
Severo rosto iracundo;
Tremiam, se ameaçavas
A Europa, o mar, o mundo!!

« Quem assim te fez descer,
Rainha desventurada?....
No coração te vou ler
Pagina que tens dobrada. »

---

De Essex o conde gentil
A altiva Isabel amava;
A vida no bello abril,
Meigo conde deslizava.

Mas contra amor, o seu Deus
Em lucta no peito estava;
Chamam-n'o á guerra os seus,
A bella, amor o chamava.

Venceu Deus. — Disse: « Eia, ávante! »
Armas o conde tomou;
E contra a rainha, e amante,
Por seu Deus, se rebellou.

Mas não quiz Deus.... — Por seu mal
Prestes em terra caiu;
Preso o conde; o tribunal
A sentença proferiu.

Fatal sentença lavrada
É levada a confirmar,
Isabel lê-a, coitada,
Pousa a mão, váe assignar!...

O rosto á outra encostado,
Os olhos fitos no chão,
Sangue nas veias parado,
E já morto o coração;

[1] Isabel, rainha de Inglaterra, filha de Henrique VIII, e de Anna Bolena, tendo assignado a sentença e feito executar como rebelde o conde de Essex, seu amante, ficou possuida de profunda tristeza, que claramente manifestou antes da sua morte, conservando-se por espaço de oito dias deitada no chão em almofadas, com os olhos fitos n'um mesmo logar, e um dedo pôsto na bocca impondo silencio.

Filha de Henrique é de ver
Tão severa, e tão soberana!...
Mas no peito era mulher
A filha da pobre Anna.

—

Desde então, triste Isabel,
Procuras livrar-te em vão;
Sempre um phantasma cruel,
Sempre a cruel maldição,

Vem presentar-te o amante
Pelo destino perdido:
Vês alli no mesmo instante
O seu cadafalso erguido.

Lá mesmo tu vês do algoz
Funesto ferro brilhar;
Cáe o ferro, e vês após
Uma cabeça rolar.

O sangue que vem vertendo
Reaes vestes váe manchar;
Phantasma d'aspecto horrendo
Vem o tumulo apontar.

— «Nosso leito em sepultura,
(Diz) quizeste transformar,
Sentença para mim tão dura
Por quem me dizia amar!

«De ti Isabel, coitada,
Ai de ti pobre, mesquinha;
Foste mulher tão amada,
Es agora algoz rainha:

«Desce á tumba; teu pesar
Só extincto hi ha de ser;
Quizeste rainha amar,
Ser juiz sendo mulher!...

«Tens ahi coroa, a do pó;
Purpura, a da mortalha;
Cesse a morte o pranto, e o dó,
E no trance um Deus te valha.»

A. F. S. P.

## SOMBRAS CHINEZAS.

Abri n'um tabique uma fresta de cerca de quatro pés de largo e dois de alto, ficando-lhe a parte inferior cinco pés acima do chão; tapae a abertura de cambraia branca envernizada com gomma copal. Preparae varios caixilhos das mesmas dimensões que as da fresta; cobri cada um d'elles com outro similhante panno, no qual desenhareis a contornos objectos de architectura ou paizagens que estejam em relação com as figuras de que logo fallaremos. Os sombreados d'estes quadros fazem-se com papeis muito finos recortados e collados uns sobre os outros, segundo a força que se pretende dar á sombra; quanto mais carregada se quer, maior numero de papeis se empasta.

Para as meias tintas tres ou quatro; para as sombras perfeitas seis. O recorte dos papeis com facilidade se faz: é assentar a folha sobre o desenho do quadro posto á luz, cobrir n'ella com lapis os traços que transparecem, cortal-a por esses riscos, e collar com o maior cuidado e justeza o que se extrahiu. Querendo-se andar com mais pressa e perfeição, é retocar tudo com sepia. Para bem se avaliar se o quadro está como deve ser, apresenta-se em cheio contra a luz do dia, e examina-se. Depois arranjam-se umas figurinhas de homens e animaes de cartão recortado. As partes moveis de cada uma d'estas figuras separam-se e tornam-se a unir com uma linha, para que possam jogar á vontade, depois do que se prende a cada uma seu arame, com que se movem por detraz, e muito perto do competente caixilho.

Claro está que todas as figuras representam ser vistas de perfil, e só se podem perceber, se as pozerem nos espaços nada ou pouco sombreados.

Já se entende que estas figuras servem para representar scenas com acçõesinhas feitas de proposito para aquellas vistas e para aquelles actores, e que os movimentos d'estas sombrinhas serão tanto mais perfeitos quanto mais exercitada andar a mão do que toca os arames.

Se quizerdes tornar o divertimento ainda mais vivo, juntae á pantomima as competentes fallas com vozes contrafeitas e diversas, como usam nas representações dos titeres.

Todos sabem que os espectadores estão ás escuras, e a luz, que deve ser bem esperta, bate pelo avesso dos quadros e figuras.

—

## PARA DAMNAR UM HOMEM.

O nosso amigo J. H. carecia de certo livro para uma pressa. Escreveu á pessoa que lh'o tinha, e entregando a carta a um seu criado gallego, lhe ordenou que fosse e voltasse correndo.

Chega á janella para calcular pela velocidade do seu andarilho quantos minutos haveria de esperar, e vê-o que váe, rua abaixo, em marcha grave. Apesar de todo o seu bom genio impacienta-se e grita-lhe:

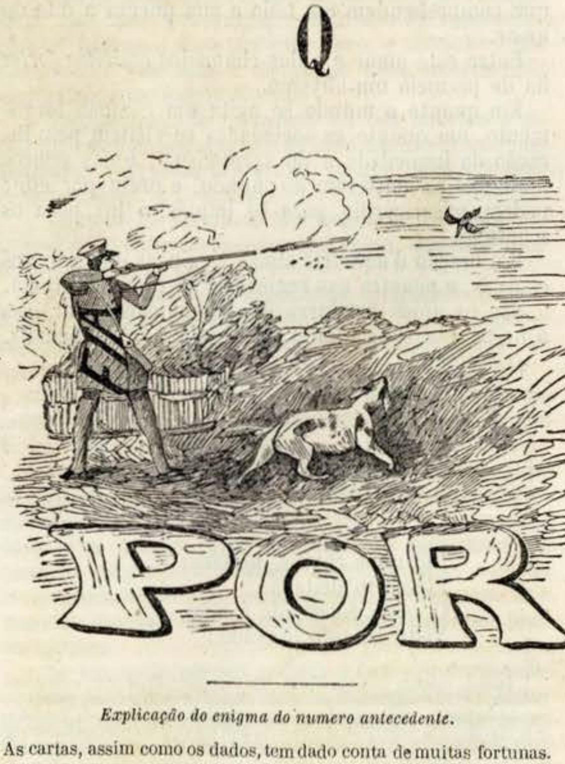
— «Tu não tens outro passo, ladrão?»

O moço pára, e de carapuça na mão, olhando para elle, lhe responde com a maior serenidade:

— «Tanho, tanho, xim xenhor; mas porém o ôtro ainda é mais miudinho.»

—

ENIGMA.




*Explicação do enigma do numero antecedente.*

As cartas, assim como os dados, tem dado conta de muitas fortunas.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 F.